DESCOBERTAS, PERCURSOS E TRANSGRESSÕES: AS IDENTIDADES POSTAS EM XEQUE *EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*

DISCOVERIES, PATHS AND TRANSGRESSIONS: IDENTITIES PUT IN CHECK IN INSUBMISSIBLE WOMEN'S TEARS

Dauana Pinheiro Leal do Santos[1]
[https://orcid.org/0000-0002-6363-2529]
DOI: 10.30612/raido.v15i38.14399

RESUMO: Neste artigo, discute-se as representações das identidades insurgentes formadas em contextos sociais historicamente alicerçados em padrões patriarcais, racistas, sexistas e heteronormativos. Analisa-se, a partir dos contos "Natalina Soledade" e "Isaltina Campo Belo", que fazem parte obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de que modo essas identidades consideradas desviantes são formadas, quais os percursos percorridos para alcançar a auto-afirmação e como o projeto político-literário de Conceição Evaristo pautado na "escrevivência" contribui para o enfrentamento e resistência desses sujeitos. A metodologia aporta-se em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, baseia-se nos estudos sobre Identidade, representação e diferença do Tomaz Tadeu da Silva (2012) e Stuart Hall (2013). A relação da literatura e identidade perpassa pelo estudo de Zilá Bernd (2003). Além desses estudiosos, tem-se as contribuições Audre Lorde (2019) e Bell Hooks (2020). A escrevivência constrói formas de afirmação identitária, na medida em que os contos convocam a reconhecer as múltiplas diferenças entre as mulheres negras. Rompe com os modelos de identidades pautados na opressão, deslocando-as para que novas identidades emergentes sejam construídas através da transgressão, luta e resistência.

Palavras-chave: Identidade; Representação; Literatura; Conceição Evaristo.

ABSTRACT: This article, discusses the representations of insurgent identities formed in social contexts historically based on patriarchal, racist, sexist and heteronormative patterns. Based on the short stories "Natalina Soledad" and "Isaltina Campo Belo", which are part of the work Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016), we analyze how these identities considered deviant are formed, what are the paths taken to achieve self-affirmation and how the political-literary project of Conceição Evaristo based on "experience" contributes to the confrontation and resistance of these subjects. The methodology is supported by a qualitative bibliographical research, based on studies on Identity, representation and difference by Tomaz Tadeu da Silva (2012) and Stuart Hall (2013). The relationship between literature and identity is permeated by the study

1 Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

CC BY NC SA

of Zilá Bernd (2003). In addition to these scholars, there are the contributions of Audre Lorde (2019) and Bell Hooks (2020). Experience constructs forms of identity affirmation as the short stories call for recognizing the multiple differences among black women. It breaks with models of identities grounded in oppression, displacing them so that new emergent identities are constructed through transgression, struggle, and resistance.

Keywords: Identity; Representation; Literature; Conceição Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

Os modelos tradicionais de ser e viver foram historicamente criados para manter os privilégios da classe dominante. Se por um momento buscarmos na memória eventos, narrativas históricas, perceberemos que as identidades do sujeito foram articuladas para cristalizarem determinados papéis sociais, sobretudo subalternos, e assim, por mais que as sociedades se modernizassem, o caráter essencializante atribuído às identidades dos sujeitos não se desviariam. Desse modo, o controle seria mantido para o bem e a ordem comum.

Associadas às teorias biológicas, sobretudo as desenvolvidas no século XIX influenciadas pelos estudiosos europeus, as identidades foram se naturalizando como algo inato com o propósito de justificar as exclusões e injustiças sociais. As leituras sobre o corpo são atravessadas por marcadores sociais. Fernandes e Souza (2016) argumentam que, tomar como um dado natural algo de caráter social e simbólico é elaborar uma visão errônea sobre o corpo. Em relação à questão racista, as autoras explicam que em cada país o negro é compreendido de modo diferente, por exemplo. Podemos ampliar o ponto de vista para pensar a mulher, o gay, a lésbica.

Diante do exposto, concordamos com Tomaz da Silva (2012, p.76) ao afirmar que as identidades "somos nós que fabricamos no contexto das relações culturais e sociais." Compreende-se o ato de criar como elemento importante dentro do processo de identificação, no entanto a afirmação exerce o papel crucial nessa dinâmica, pois demarca a presença do poder dentro de um território. Por isso, os grupos buscam a afirmação através da imposição identitária em relação ao outro. Estabelece-se uma relação conflituosa, na qual quem detém o poder de classificar possui também o privilégio de representar o seu grupo em detrimento de outro.

Logicamente cada grupo deve buscar mecanismos para representar a si mesmo, caso contrário corre o risco de continuar sendo objetificado nas narrativas hegemônicas. As mulheres negras foram, durante muito tempo, representadas de forma negativa na literatura nacional, como possuindo uma identidade unificada, ligadas à criação de dados empíricos sobre a raça, mas a partir de uma perspectiva dominante, e por isso, bastava adicionar em uma personagem características que representassem todo o grupo. Dessa maneira, estava pronta a identidade folclórica, caricatural e generalizada. Contudo, apesar do silenciamento histórico, as escritoras negras buscam se autorrepresentarem, já que a literatura é um poderoso instrumento de representação simbólica, exerce por assim dizer, o papel de organizar a sociedade. De acordo com Evaristo (2005, p.54) "Assenhoreando-se 'da pena', objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação."

Sendo assim, o objetivo desse artigo é analisar a partir dos contos "Natalina Soledad" e "Isaltina Campo Belo", que fazem parte obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), de que modo as identidades consideradas desviantes das mulheres negras são formadas, quais os percursos percorridos para alcançar a auto-afirmação e como o projeto político-literário de Conceição Evaristo pautado na escrevivência, termo criado pela autora para definir o processo de escrita que nasce a partir das experiências dos grupos negros, contribui para o enfrentamento e resistência desses sujeitos.

É importante frisar que a escrevivência da autora é atravessada pelas vivências enquanto mulher e negra na sociedade brasileira. Contudo, não é uma produção direcionada a um sujeito individualizado, mas abarca subjetividades coletivas, como ressalta Evaristo (2020, p.38) "Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade."

Vale ressaltar ainda que a produção de Evaristo soma-se a um conjunto de narrativas que buscam afirmar as identidades de sujeitos cujas vozes são emergentes. Como afirma Zilá Bernd (2003) essas literaturas visam apropriar-se de um território no qual possam existir. Justamente por serem sujeitos que vivem em constante ameaça de apagamento.

2 O PODER FALOCÊNTRICO: IDENTIDADES AMEAÇADAS

Na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, as identidades das personagens em suas diversas dimensões são constantemente ameaçadas, pelo fato de fazerem parte de um universo de diferenças que não são consideradas legitimas. São mulheres negras, que buscam se afirmar em meio a situações que retiram o seu protagonismo e impõem papéis subalternizados para que cumpram sem contestar, pois no jogo da identidade quem tem mais poder simbólico dita as regras de acordo com os seus interesses, reafirmando sua identidade constantemente. No conto intitulado "Natalina Soledad", a personagem vivencia a rejeição de seu pai por ter nascido menina. Para o pai, a masculinidade representa o símbolo do poder, a continuidade do patriarcado, enquanto o feminino é considerado inferior, cuja utilidade é servir. Neste sentido, a filha era "uma coisa menina" sem valor, como podemos notar no trecho do conto:

> Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima depois dos seis homens, não foi bem recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o sétimo rebento era uma menina. (EVARISTO, 2016, p.19)

A identidade de Natalina forjada nos moldes patriarcais, sob o signo da desvalorização já a aguardava antes mesmo de nascer. Tudo isso, porque o patriarcado concede poder e autoridade aos homens de controlar e oprimir as mulheres, como argumenta Hooks (2020, p. 145) "(...) o poder patriarcal, o poder que os homens usam para dominar mulheres, não é apenas privilégio de homens brancos das classes alta e média, mas de todos os homens em nossa sociedade, independente de classe ou raça."

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 32 – 41 | maio/ago 2021

Em se tratando de uma escrita feminina, Evaristo representa uma situação constantemente debatida entre as feministas negras, que é o fato de os homens negros compartilharem de ideias sexistas. Como consequência de uma estrutura social a identidade dos homens negros estão atravessadas pelo contexto no qual eles também buscam poder, desse modo concebem as mulheres como inferiores, meros objetos. Como podemos perceber no trecho a seguir:

> De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava a prova. Uma menina! (...) tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa. E Maria Anita Silveira, entre lamentos e desejos, mal amamentou a criança. Descuidou-se propositalmente dela e até concordou que o pai nomeasse a filha de Troçoleia Malvina Silveira. A criança só herdou o Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele. (EVARISTO, 2016, p.21)

Existem diversas maneiras de afirmar uma identidade e consequentemente o poder, dentre elas as mais eficazes são a inferiorização e a dominação das outras. Para isso, busca-se criar instâncias as quais garantam que a identidade do opressor se torne a identidade de referência. De acordo com Silva (2012) identidade e diferença se interligam. E só existe afirmação identitária em contraposição as outras. Neste sentido, é estabelecido um binarismo associado às afirmações positivas e negativas entre homem e mulher, branco e negro. Para Silva (2012, p.75) "a afirmação (...) é uma parte de uma extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidades e diferenças." Esses discursos negativos a respeito da identidade que foi criada para alguém é um modo de formar uma aura de verdade, que vai sendo reafirmada através de outros mecanismos como a ciência, a religião por exemplo. No conto, o episódio da escolha do nome da personagem é uma metáfora de como a identidade da mulher é forjada. Troçoleia Malvina faz uma alusão a troço, ou seja, coisa sem valor, Malvina é uma derivação de mal, como é comumente apresentado nas narrativas cristãs.

Como explica Foucault (1996) em a *Ordem do discurso,* os sujeitos criam a partir da *vontade de verdade* tecnologias e instituições legitimadoras de discursos verdadeiros. Desse modo, podemos pensar as construções identitárias, sobretudo as impostas, como uma vontade de poder. Segundo Foucault (1996):

> Ora, a vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como um sistema de livros da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, e sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado distribuído, repartido e de certo modo atribuído. (FOUCAULT, 1996, p.17)

A questão identitária construída sob a ótica do dominante é articulada de modo eficaz para que as mulheres ajam sob a égide machista. Pois foram ensinadas a serem e a se comportarem de determinado modo. Como podemos ver no trecho do conto, a mãe da personagem analisada, descuidou da filha de modo proposital em obediência ao marido. Em outro episódio o comportamento da mãe fica mais evidente:

> A menina Silveira crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos. Dos cadernos e dos livros velhos desprezados pela prole masculina, que começava os estudos, ainda quando cada um precisava de auxílio para suspender a cueca, sozinha, ela recolhia suas lições. (EVARISTO, 2016, p.21)

Contudo, como meio de resistir à opressão, a personagem desenvolveu a defesa decidindo reconstruir sua identidade através da mudança de nome, negando por assim dizer, as referências que a ligavam aos pais e a sua descendência. Autonomear-se é uma representação simbólica do processo de criação de uma nova identidade. Como é revelado no fragmento: "Tinha um só propósito. Um grande propósito. Inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que havia imposto" (EVARISTO, 2016, p.24).

Sobre essa questão, Araújo (2018) afirma que as identidades construídas sob o signo de elementos subalternizantes devem ser (des)alinhavadas, para que novas identidades sejam costuradas tomando como base outros aspectos pautados na liberdade. É importante enfatizar que, ainda assim, o alinhavo se configura como uma costura provisória, pelo fato de as identidades não serem fixas e estarem em constante processo de construção.

Em outro conto, "Isaltina Campo Belo", Evaristo também representa o conflito identitário da personagem, derivado de um contexto em que as regras pautadas no modelo conservador prevalecem. Isaltina experiencia por diversos momentos a construção, descobertas e desconstrução da identidade, até chegar ao ponto de identificação que diverge dos modelos de comportamentos impostos para quem nasce no corpo feminino. Ainda criança, Isaltina percebia que era diferente das outras meninas.

> Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinha me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... estavam todos enganados. Era um menino (EVARISTO, 2016, p.57-58).

Isaltina não se identificava com o que foi estabelecido como feminino, pois a identidade não é algo inato, mas é imposta a partir de interesses e leituras equivocadas sobre o corpo e papéis sociais. Pode-se observar que a formação da identidade de gênero é marcada por incertezas sobre quem não somos. Desse modo, estabelecemos pontos de diferenciação que ocorre através do olhar sobre nós mesmos em consubstanciação com o olhar dos outros. Tudo isso, porque a identidade precisa ser reconhecida dentro do seio social e validada. Mesmo sendo uma criança, e estando confusa em relação à situação por causa da idade, Isaltina já compreendia que precisava da validação do outro, como podemos notar no trecho em que ela precisou fazer uma cirurgia de apendicite e via neste acontecimento a chance de perceberem que ela na verdade era um menino e através da aprovação médica poder se libertar.

Apesar da dor, eu quase sorria e desejava que tal fato acontecesse. Ali estava a minha chance. O médico iria descobrir quem era eu, lá por debaixo de mim, e contaria para todos. Então, o menino que eu carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz (EVARISTO, 2016, p. 58)

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 32 – 41 | maio/ago 2021

Ser reconhecida como um menino para Isaltina era importante porque essa imagem precisava fazer sentido, e isso acontece a partir do momento em que ela espera que não somente o médico, mas os membros da sua família digam: você é um menino. Contudo, a falta de referência fez com que a personagem se sentisse deslocada e não pertencente. Pois, como afirma Audre Lorde (2019, p.154) "Como ferramenta de controle social, mulheres foram ensinadas apenas um aspecto das diferenças humanas como legítimas, aquelas que existem entre homens e mulheres." Os outros modos de ser e viver, as inúmeras diferenças de classe, gênero e raça são consideradas como anormais e desviantes. A personagem sentia-se como se estivesse fora do lugar por não se sentir representada:

> Tanto eu como a minha irmã já estávamos mais sabidinhas. Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora do lugar. (EVARISTO, 2016, p.61)

O sentimento que atravessa a personagem é consequência da imposição de regras e modelos do que é normal e desejável. Os padrões acabam impossibilitando que o diálogo entre as diferenças sejam estabelecidos. Dessa maneira, exclui da sociedade quem não se encaixa nesses moldes. De acordo com Lorde (2019):

> A rejeição institucionalizada da diferença é uma necessidade absoluta numa economia centrada no lucro que precisa de *outsiders* ocupando o papel de pessoas descartáveis. Como integrantes de tal economia, todos fomos programados para responder as diferenças humanas que há entre nós com medo e aversão, e a lidar com elas de três maneiras: ignorar e, se não for possível, copiar quando a consideramos dominante ou destruir quando a consideramos subalterna (LORDE, 2019, p.144).

A exclusão gera nas minorias reações consideradas estratégicas para serem aceitos e sobreviverem. O receio da estigmatização social leva o sujeito à tentativa de se encaixar nos padrões estabelecidos. Como é apresentado no trecho:

Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. (...) um dia, em que ele desejava beijos e afagos, eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei da minha vida até ali. Falei do menino que carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. (EVARISTO, 2016, p.63-64)

O reconhecimento da diversidade da sexualidade e do gênero implica no abalo do poder e privilégio masculino mantido pela imposição da submissão feminina. O mundo patriarcal recusa aceitar as múltiplas identidades de mulheres, pois isso leva ao questionamento e consequentemente a desconstrução de uma identidade formada através de critérios subalternizantes para o ser mulher. De acordo com Silva (2012) quando se questiona a identidade questiona-se o poder. Para não perder o domínio impõe-se a violência.

> Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. (...) ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que

> tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (...) um dia ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência do meu corpo. Diziam eles que estavam me ensinando a ser mulher. (EVARISTO, 2016, p.64)

O estupro coletivo, neste caso, foi motivado pela não aceitação da orientação sexual da personagem, pelo racismo e sexismo. O modelo hegemônico heteropatriarcal reprime e ameaça os que se desviam desse padrão. Contudo, a repetição da afirmação de que Isaltina era uma mulher negra, por isso esse corpo comportava um desejo sexual desmedido comprova que se formou no imaginário coletivo através do discurso brancocêntrico a imagem da negra voluptuosa e pervertida.

> [...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras tem sido consideradas 'só corpo sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era exemplificação prática da ideia de mulheres desregradas deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir a icnografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469)

A identidade essencializada construída para a mulher negra como tentativa de minar sua ascensão social e política, bem como as velhas identidades baseada no tradicionalismo, por assim dizer, centradas, unificadas e estáveis estão ameaçadas pela fragmentação. De acordo com Hall o sujeito é:

> (...) composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas." Correspondentemente, as identidades, que compunham paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (HALL, 2006, p.12)

Essas mudanças são provenientes de conflitos políticos e ideológicos causados pela minoria que é subjugada e além disso, não se vê representada e cujas velhas identidades não fazem sentido. No conto "Isaltina Campo Belo" a personagem é deslocada, e experimenta identidades contraditórias. No primeiro momento se identifica com um menino, a partir do episódio do estupro em que é confrontada, Isaltina passa por mais um momento de identificação na qual descobre que na verdade não tem um menino dentro de si, mas é uma mulher que nutre desejos pela sua igual. A existência de Isaltina foi ressignificada através da afirmação da sua sexualidade. A personagem compreendeu que ser mulher envolve complexidades e subjetividades diversas.

> Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu até encarava o estupro como castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 32 – 41 | maio/ago 2021

> desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. (EVARISTO, 2016, p.66-67)

A escrita de Conceição Evaristo tem o poder de representar os grupos emergentes, acolhendo- os em seu projeto literário. Mostra que as identidades podem ser reconfiguradas, conforme as necessidades individuais e coletivas. Como afirma Hall (2006):

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (...) dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13)

É importante frisar que as identidades de Soledad e Isaltina foram construídas a partir de tensionamentos, conflitos e transgressões. Evaristo ao representar as mulheres negras narrando suas histórias através da escrevivência, contribui para a afirmação de suas identidades. Pois, como afirma Bernd (2003, p.19), "a construção da identidade é indissociável da narrativa e consequentemente da literatura". Todavia, diferente da representação sacralizadora, Evaristo mostra as diferenças através da movência identitária. De acordo com Araújo (2018) se pode notar que as marcas identitárias alicerçadas nos valores coloniais conservadores e portanto desfavoráveis às minorias são moventes, líquidas e provisórias, e que essa realidade pode ser modificada através de estratégias de conscientização e valorização cultural. Sendo assim, a obra da escritora Conceição Evaristo é um projeto literário usado como instrumento que denuncia a opressão racista e sexista. E mostra ao mesmo tempo que ignorar as diferenças causam vulnerabilidades as mulheres negras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos "Natalina Soledad" e "Isaltina Campo Belo" funcionam como convite e alerta. No primeiro aspecto, nos convoca a reconhecer que existem diferenças identitárias entre as mulheres negras, e consequentemente necessidades diversas. Dessa maneira desmitifica a visão essencializante da identidade ligada a raça.

Em segundo plano, chama a atenção para o fato de que quando se é instituída uma identidade como modelo do bom e correto, com um caráter homogeneizante, acaba por desprezar as demandas das diferenças em prol de interesses que aparentemente engloba o todo, mas, no entanto, emerge de uma particularidade da hegemonia.

A partir dos textos analisados, concluímos que a identidade das mulheres negras foram forjadas sob os moldes que as colocam na posição de subalternidade em razão da manutenção do controle e do poder pelo patriarcado. Nos contos, a representação dessa autoridade aparece constantemente simbolizada pela "vara", metáfora do falo. Em "Natalina Soledad", podemos observar que o pai coloca o falo como símbolo de superioridade ao rejeitar a filha e ressaltar em todo o momento o orgulho por ter tido "varões", e em "Isaltina Campo Belo", o poder falocêntrico aparece por meio do ato de violência no momento do estupro.

Por mais que haja a tentativa de reafirmação de modelos conservadores por meio da imposição, essas identidades têm sido cada vez mais rasuradas, confrontadas e

reconstruídas. As mulheres negras representadas nos contos recusam ser meros objetos, passivos e se tornam ativas construindo suas identidades que vão se moldando, contudo de forma conflitante.

As personagens afirmam suas novas identidades através da recusa, insubmissão. Por assim dizer, elas transgridem para não sucumbir. Através das múltiplas possibilidades de movências da identidade elas constroem caminhos de liberdade, ou seja, novos modos de existir. Ao incluir a diferença das mulheres negras, Evaristo mobiliza o poder coletivo, fortalecendo suas identidades através da representação literária. Contudo, é importante frisar que, esse fortalecimento e afirmação das identidades não significam uma fixidez duradoura, mas algo transitório. Pois as identidades se modificam e o fortalecimento não se dá no sentido de fixá-las, mas de contribuir par uma caminhada de consolidação e fortalecimento do gênero e da raça, de sua força ruma à igualdade de direitos e ao apagamento da opressão.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 32 – 41 | maio/ago 2021

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. Identidades ribeirinhas e seus alinhavos em narrativas e na poesia oral das margens do Velho Chico. *In:* COSTA, E.; ARAÚJO, N.A.; FERNANDES, F. **Vozes, performances e arquivos de saberes.** Salvador: Eduneb, 2018, p. 291-302.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. **2003.**

DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** 2. Ed. Rio de janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição**. Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira.** Disponível em: http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf. Acesso em: 31/08/2020

FERNADES, Viviane Barboza.; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. **Identidade negra entre exclusão e liberdade.** Revista do Instituto Estudos Brasileiros. N. 63. Abri. 2016, p 103-120.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 3. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell**. Eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 2020.

HOOKS, Bell**. Intelectuais negras.** Revista estudos feministas. Nº 2. 1995, p.464- 478.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e sexo: As mulheres negras redefinem a diferença. *In:*____ (org). **Irmã Outsider.** 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019, p. 142-156.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In:*____ **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, R J: Vozes, 2012, p. 73-101.

Recebido em 20/03/2021
Aprovado em 05/07/2021